

7ª Parte

O Livro da Academia

POLIFONIA

Napoleão Maia Filho

SUMÁRIO

Quanto valem?

O mesmo tema

O prazo e o tempo

Medusas e duendes

Vagausência

O infindável sentimento

A noite

As tesouras do tempo

Tempenquanto

A mudança

Ponderação

Memórias de alegria

Insônias de enxofre

Os medos da noite

A busca

Espera

QUANTO VALEM ?

Quanto valem estas lembranças
e os meus tormentos em quantas
insônias noturnas cabem?
Por acaso alguém destrama
no desejo dos que se amam
a teia dessas imagens?

Ahhhh! Fotos dessas bonanças!
Hummm! Suspiros que me traem...

Por esses mares – mergulhos
Por essas ondas – rumores
Por essas águas – murmúrios
Por essas marés – amores.

Quem-lhe apaga da memória
tantos momentos felizes?
Quem sabe dessas histórias
e esses tempos o que lhe dizem?

Quantos instantes sonhados?
Quantas juras incompletas?
Quem descreve esses recatos?
Quem registra essas conversas?
Quem sabe dessas miragens?
Quem as viveu. E os poetas.

O MESMO TEMA

Tanto possa evito: não procuro.
A sua lembrança chega de repente
em mim e me chama no escuro
e não a busco no meu pensamento.

Não lhe aceno. Em súbito sussurro
me chega ao meu encontro e em demasia
verte excessos de cores e futuro.
E que luva a essa mão me serviria?

E toda vez é como a pioneira
vez que a vi real distância e tempo.
Tema noturno de supostas deixas
ou invisíveis travessas sem momento.

Não a convido: é ela que me toca
na maior sem cerimônia que conheço.
E nem sei se é depois ou é agora
nem quando e nem se. Renasço ao vento.

O PRAZO E O TEMPO

Um a um os ramos verdes
depois os ventos da tarde
sobre os medos de perder-te
e a esperança de achar-te
se foram em seu passo lento
nos prateados serenos
como se lívidos pássaros.

Palavras impacientes
e ocupações desouvidas
que seivas ou imprudência
sobem por essas raízes
em repentinas loucuras
vão-se em tormento à procura
de espaços invisíveis?

Desencontros despedidas
o Medo engole a descrença
nas praias as sombras pensam
seus pensamentos imensos
são vaga-lumes perdidos
nos espaços desouvidos
das raízes imprudentes.

Sucessivos desenganos
desprezos de luas cinzas
vã placidez desses planos
brilhos de estrelas extintas
em noites silenciosas
vaga-lumes pelas sombras
em loucuras repentinas.

MEDUSAS E DUENDES

Todo pensar é cinzento
e as alegrias são verdes.
Amar é insuficiente
que o não prendem as redes
e nem tempo há que o sustente
mas medusas e duendes
lhe fazem muros e cercas.

Só é real e consistente
o que nasce de um milagre.
Um corte na natureza
ou um rosto que em febre arde
que o mais é resto e vazio
estrela caída ou um frio
e ignoto personagem.

Mas as lembranças deslizam
sobre o leito e pelas margens
de longos e imensos rios
e desfiam augustas saudades
de histórias inexistentes
que medusas e duendes
tecem nos desvãos das tardes.

VAGAUSSÊNCIA

Ímpia ausência aquela
que agora pouco nos importa
com as tentativas plenas
de sensitiva escolha

que vai densificando
como as inumeráveis rotas
de uma viagem sem plano
as cinzentas auroras.

Cegas angústias ermas
e transparentes como luas
quietas e externas
que nas sombras insinuam

imensas consistências
por esses círculos lúdicos.
E passam vagas lendas
pelos meus olhos úmidos.

O INFINDÁVEL SENTIMENTO

As mágoas que o Tempo tece
em mim destilam veneno
sobre os dias que apodrecem
nestas pedras ciumentas
chovendo estrelas celestes
nos descampados que crescem
claros espaços cobertos
no infindável sentimento.

As Mágoas que o tempo tece
descem de altas vertigens
escurecendo o nascente
de pucumás e fuligens
sobre os córregos e seixos
as suas líquidas queixas
formam braçadas e feixes
com os lamentos infelizes.

Que sóis em tardos poentes
de sangue na mata agreste
xiquexiques e cardeiros
e assombrações de uns poetas
em macambiras e troncos
portões girando nos gonzos
ao som dos soluços longos
dessas porteiras abertas.

A NOITE

A noite súbita entra
na minha janela sem licença
larga ampla e verde
noite de coisas e penas
que me a alma tece
com nostalgias e poemas.

São essas lembranças tardas
essas memórias esquivas
e histórias da minha vida
que o tempo inútil não cala
ora exaustas desmaiadas
ou frias lâminas cortantes
palpitações delirantes
em relâmpagos retratadas
que a noite derrama as águas
dos episódios distantes.

Na forma de pensamentos
os passados se apascentam
pastoreia a noite lenta
com fios de espessa renda
fogo de sois mais as lendas
de suores e pisadas
vozes de almas desgarradas
ouvidas no inconsciente
de cavalos e outras gentes
derramados nestas águas.

AS TESOURAS DO TEMPO

Quais as tesouras do tempo
as mais breves as mais longas
ou as que neste momento
Abre-me as mãos no horizonte
aos fulvos sóis amarelos
dos olhos medindo as glebas
que vão daqui até onde?

Que astros e que destinos
ou encontros que pensamentos
que idéias de campesinos
o tempo me vai tecendo
perdendo as maras as crias
na revência na sangria
desse açude de tormentos?

As memórias despedaçam
as breves lembranças todas
a história é só linguagem
que alarga a vista revolta
sobre as águas do passado
interpretado ao acaso
como a Lua em noite solta.

Que pisadas de cavalos
e sons de manada a galope
cara brilhante na porta
da Casa agora sacodem
meu sono nas noites quentes
e em que saudades cruentas
o Tempo agora me envolve?

TEMPENQUANTO

Fui-me pouco a pouco naufragando
no meu insondável sentimento
que se movia sem ter voz ou quando
de vivo nada havia se movendo.

Pensava mais tristezas que alegrias
que todas registrava em meus poemas
escritos com pesar que os escrevia
quando mais me afligia a minha pena

nas tenebrosas noites magoadas
em que só de solidões me entretecia
tangendo como a nuvens madrugadas
nos ares de infinitas demasias.

O anjo do destino que me guarda
visitou-me uma vez e em tantos anos
que escuro pensamento me calava
abriu em mim o tempo do enquanto.

A MUDANÇA

Antes o sentimento refletido
nos meus olhos gestos e palavras
e no meu jeito sem artifícios
em que simplesmente me revelava.

Como sobre um espelho polido
que nem sombra ou desgaste toldava
movia-me como o isento de perigo
ou sem sobressaltos na estrada.

Foi quando este vento inimigo
emaranhou-se nos ramos das árvores
e desmanchou os abrigos e ninhos
expulsado dos ares os pássaros.

Fez-se silêncio. O tempo findo
caiu-me sobre os espaços encantados
e exilou deste meu coração menino
olhar e gestos. Palavras e mensagens.

PONDERAÇÃO

Há o quê na vida impossível
de dias frios pelos lados
e inimigos afoitos escondidos
como terríveis sicários?

Que sorte assim encapuzada
grave e séria sorte adversária
é prateada nessas vozes
com brandas e finas palavras?

Eis sentimentos singulares
esquecidos desválidos e mansos
que em planos inclinados
se iam como pássaros brancos.

Passaram vieram e depois
muito depois enfim se descobriu
que erram opacos nas noites
de músicas altíssimas e de frio.

MEMÓRIAS DE ALEGRIA

TE amava como a chuva que fluía
nas telhas vãs de minha casa antiga
e a cada pensamento e a cada dia
te via minha amante e minha amiga.

Te amava como a nuvem prometia
as águas transparentes desejadas
e feito a luz lunar em fantasia
me prateando em vácuas madrugadas

Te amava à cor azul de fevereiro
ou em cantiga de aboio pela estrada
e em mim uns invisíveis violeiros
violavam canções improvisadas.

Te amava o meu amor com ousadia
desmedida e sem pausa em tal encanto
que de planos somente se nutria
enquanto o tempo desfiava os anos.

Que de tanto mirar-me o horizonte
e ouvir o som que mais ninguém ouvia
nem via não haver caminho ou ponte
nestas hoje memórias de alegria.

INSÔNIAS DE ENXOFRE

Cartas e poemas rasgados
não sei se foram verdadeiros
ou se foram apenas acasos
e registros vãos de sofrimentos.

Nem avalio que lugares
ou quais inúteis lembranças
tocaram-me essas saudades
desenraizadas como as plantas.

Reunir agora esses pedaços
com a mão fria e os olhos tristes?
O que pensarias que faço
se assim de repente me visses?

Baixa os teus olhos curiosos
e não procures mais no meu rosto
lágrimas ou sulcos postos
aqui pelas insônias de enxofre.

OS MEDOS DA NOITE

No silêncio que a noite tece
surgem vozes e visões estranhas
as lembranças saltam céleres
no pensamento das areias planas.

Um vento tardo mexe as plantas
há penumbras na mente que escreve
as lembranças são tristes e tantas
que azula somente a luz de Vésper.

Que valor a devoção e a espuma
mostram na adversidade e no espanto?
Para quem a sua beleza se perfuma
ou em que sonho se aquece delirando?

E assim a noite e os seus medos
plantam as suas sombras pelos cantos
enquanto um deus irônico e pérfido
vai-me usinando os outros desenganos.

A BUSCA

Paro diante do Mar
o meu olhar perscrutador
com o ouvido atento.
Vejo nos longes das vagas
só brumas. Brumas
no horizonte nevoento.

E grito na concha das mãos
um grito impossível e sem resposta
a minha voz se quebra vã
morrendo pelas brancas encostas
daquela praia longa e plana
onde o Mar traz as suas ostras.

Longe longe quem me responde?
Quem ouve o meu grito nessa praia?
Afino o meu ouvido e mais que as ondas
ouço além das espumas e das conchas
ali se derramando plácidas.

Ah! alguém me ouviu e me escuta.
Corro no rumo daquela voz.
Era o eco da minha naquela lonjura
lunado e louco feito de espuma
nas pedras e grutas.
Também a sós.

ESPERA

Aqui outra canção se cala
e se recolhe calma e em susto.
Quando me dirás a mágica palavra
que só na imaginação a escuto?

Enfim pousarei a minha alma
em teu tranqüilo olhar silencioso?
E um dia essa luz tão clara
dos teus olhos fixará o meu rosto?

Juntos removeremos a poeira
desta hora tão demorada e secreta
e o tempo tecerá outra maneira
para o encontro depois desta espera.

E findará este silêncio que murmura
agora preso na palavra sugerida
que passará esta hora obscura
e aí te falarei de vos descontraída.